

O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E ATIVIDADE FÍSICA NA INFÂNCIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA(2015-2020)

AUTISTIC SPECTRUM DISORDER AND PHYSICAL ACTIVITY IN CHILDHOOD: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE LITERATURE (2015-2020)

Caroline Lopes de Barros, Williane Gonzaga Lopes¹ e Maria Goretti Sousa Lameira

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a produção de conhecimento nos últimos seis anos (2015 a 2020), com relação ao Transtorno do Espectro Autista e a Atividade Física na Infância. As informações, sistematizações e categorias foram organizadas através da análise de conteúdo de Bardin (2011), que se consiste em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Os resultados encontrados apresentaram sete trabalhos científicos, que expõem conteúdos e artifícios sobre Atividade Física e Formação Continuada de Professores, pois tornaram-se mecanismos auxiliares no desenvolvimento da criança autista. Dessa forma, conclui-se que o quantitativo de pesquisas sobre atividade física e a criança com TEA ainda é pouco, considerando a totalidade de trabalhos buscados na área escolar, sendo necessária a ampliação de produções que tratam acerca desta temática.

Palavras-chave: Inclusão. Educação Física. Educação Infantil.

ABSTRACT

This article aims to analyze the knowledge production in the last six years (2015 to 2020) concerning Autism Spectrum Disorder (ASD) and Physical Activity in Childhood. The information, systematization, and categories were organized through the content analysis of Bardin (2011), which consists of three phases: pre-analysis, exploration of the material, and treatment of the results. The results found seven scientific works, which present contents and schemes on physical activity and teachers' continuing education as they have become additional mechanisms in the education of autistic children. Thus, it is found that the number of research on physical activity and children with ASD is still little, considering the totality of studies pursued in the school area, and it is necessary to expand researches that deal with this theme.

Keywords: Inclusion. Physical Education. Child Education.

Data de recebimento: 22/12/2021.

Aceito para publicação: 23/03/2022.

1 INTRODUÇÃO

Embora o tema inclusão seja uma pauta muito frequente em palestras, debates, pesquisas, o que se aplica na prática dessas discussões, no âmbito escolar e não-escolar, ainda é insuficiente. Com isso, manifesta-se a necessidade de coletar estudos que apresentem métodos eficazes na inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase em aulas de Educação Física (EF).

No Brasil, suspeita-se que 1% da população brasileira possua o diagnóstico de autismo (ROCHA et al., 2019). A intervenção precoce é fundamental para esses indivíduos, devendo ser iniciada quando há grandes suspeitas do quadro ou logo quando se comprova o diagnóstico. Em vista disso, Sousa et al. (2018) enfatiza que o diagnóstico precoce de Autismo no Brasil é crescente e com isso a necessidade de ampliação do conhecimento dos educadores, bem como o cumprimento dos direitos e deveres que as legislações asseguram para os que possuem o TEA.

Deste modo, Bastos (2019) esclarece que o autismo é considerado como um transtorno do neurodesenvolvimento com repercussões neuropsiquiátricas implicando em estereótipos, na comunicação e interação social, e em padrões restritivos e repetitivos, de comportamento, interesses ou atividades.

¹ williane.gonzaga@gmail.com

Nesse sentido, Lopes (2014) afirma que o autismo na infância é uma condição de saúde, que se caracteriza pela presença de agravos notáveis em várias áreas do indivíduo e, por estas razões, o tratamento deve ser conduzido por uma equipe multidisciplinar, envolvendo profissionais de diversas formações e áreas; dentre esses encontramos o profissional de EF, que se torna um grande colaborador na busca de incluir e minimizar os agravos presentes nas crianças com tal transtorno.

A Educação Física Escolar (EFE) possui um currículo desenvolvido no estudo da cultura corporal e do movimento humano, no qual traz práticas corporais diversificadas para estimular a participação entre os alunos nas atividades propostas.

A opção por esta temática deu-se por inquietações durante o processo de formação acadêmica, em um estágio extracurricular, onde se obtinha contato diário com crianças praticantes de natação de diferentes idades e dentre elas algumas possuíam o diagnóstico do TEA. Em interfaces, as experiências trazidas com o curso de Licenciatura Plena em Educação Física, da Universidade do Estado do Pará (UEPA), tais vivências, nos promoveu uma reflexão significativa quanto à atividade física e o processo de desenvolvimento da criança com TEA.

Nesse sentido, as bibliografias estudadas nos provocaram novos olhares sobre as produções científicas que tratam a relação entre o TEA, a Atividade Física (AF) e a infância, principalmente relacionadas ao desenvolvimento dessa criança e à aproximação com a AF. Os estudos de Oliveira (2015) apresentam a EF como uma disciplina integradora que possui a intenção de realizar atividades coletivas e/ou individuais que promovam a capacidade de interação social de alunos com TEA, com o intuito de proporcionar a evolução da consciência corporal, permitindo, assim, a construção de seu eu como um ser que está inserido na sociedade.

A partir dessas incursões, surge a seguinte questão-problema: Como as AF podem contribuir para o desenvolvimento de crianças diagnosticadas com TEA? Na busca de responder tal questionamento, este trabalho tem como objeto de estudo a análise de artigos que abordam o TEA e a AF na infância.

Este artigo objetiva analisar a produção de conhecimento nos últimos seis anos com relação ao TEA e a AF na educação na infância. Quanto aos objetivos específicos, elencamos: (a) mapear os trabalhos que abordem o TEA e AF na infância; (b) identificar qual a contribuição da AF para o desenvolvimento da criança com TEA; (c) analisar as produções científicas na temática do autismo no campo da EF.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa trata-se de um levantamento literário com a predominância de características descritivas, de caráter qualitativo e quantitativo, em que buscou-se analisar, registrar e descrever os fatos relacionados quanto às estratégias de inclusão o aluno com TEA nas aulas EF na infância, nas áreas de estudo das plataformas: Bireme (<https://bvsaalud.org/>), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (<https://catalogodeteses.capes.gov.br>) e Scientific Electronic Library Online – SciELO (<https://scielo.org>).

Realizou-se uma revisão sistemática de produções feitas no período de 2015 a 2020, disponíveis nas bases de dados referidas acima. Para a seleção dos artigos, utilizaram-se como descritores as palavras: atividade física, autismo, crianças, ensino infantil e transtorno do espectro autista.

Considerando nosso objetivo principal, as informações, sistematizações e categorias deram-se através da análise de conteúdo de Bardin (2011), que consiste em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados.

Dessa forma, este estudo foi organizado da seguinte maneira: mapeamento dos

trabalhos que versam sobre o TEA e a AF na infância; identificação da contribuição da AF para o desenvolvimento da criança com TEA; e, por fim, a análise das produções científicas selecionadas para composição deste estudo.

A pesquisa teve como critério de inclusão os artigos brasileiros, relacionados com público infantil e que tratassem de inclusão no âmbito escolar e não escolar. Foram excluídos os artigos de revisão e os repetidos. A busca deu-se no período de Setembro a Novembro do ano de 2020. Foram encontrados 32 artigos de acordo com a temática, entretanto, após a triagem sete trabalhos foram selecionados e lidos na íntegra para elaboração do presente estudo. Vale ressaltar que no ano 2017 não houve produções que atendessem os critérios exigidos.

A produção deste trabalho implicou em algumas dificuldades, como os possíveis artigos que, visivelmente no resumo, enquadraram-se aos critérios de inclusão, porém com divulgação não autorizada; e muitos artigos de revisão, o que era considerado um critério de exclusão. Além do cenário atual, (ano 2020, em meio a uma pandemia do Covid-19) em que as pesquisadoras, precisam ressignificar seus estilos de vida, o que impossibilitou que elas estivessem juntas para a escrita.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados artigos e dissertações que discorrem sobre a AF e EF, trazendo também a importância do professor junto a ludicidade como facilitadores essenciais na inclusão, além de possibilidades de estratégias no desenvolvimento na infância, mostrando seus efeitos no decorrer de cada trabalho.

No quadro 1, organizamos o levantamento em ordem cronológica e destacamos o título do trabalho, base de dados, referência (autor e ano) e o objeto de estudo.

Quadro 1 - Levantamento de produção científica na temática TEA e Atividade Física na Ed. Infantil

Nº	Título/Periódico	Referência (autor/ano)	Objeto
1	Efeitos da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro do autismo (Capes)	MESQUITA, Helena <i>et al.</i> 2015.	Criança com espectro do autismo e perfil psicomotor
2	A eficácia de um programa de treinamento de trampolins na proficiência motora de crianças com transtorno do Espectro Autismo (SciELO)	LOURENÇO, Carla C. V.; ESTEVES, M. Dulce Leal; CORREDEIRA; SEABA, André Filipe T. E . 2016.	Criança com espectro do autismo e desempenho motor
3	O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. (Bireme)	KRÜGER GR, Garcias LM; HAX GP, Marques AC. 2018.	Crianças com transtorno do espectro autista e interação social
4	Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com transtorno do Espectro Autista (TEA): uma intervenção no contexto escolar (Capes)	PINHO, Mariana Campos. 2018.	Atividades lúdicas, intervenção escolar e crianças com transtorno do espectro autista
5	Formação continuada em educação física escolar: construindo olhares para inclusão (Capes)	JANUÁRIO, Paulo Clepard Silva. 2019.	Formação de professores de Educação Física
6	Formação de professores de educação física para a educação inclusiva: práticas corporais para crianças autistas (Capes)	NUNES, J. da S. 2019.	Educação inclusiva para formação de professores de educação física

7	Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores (Scielo)	CAMARGO, Sígla P. H. ; SILVA, Gabrielle L. da; CRESPO, Renata O. ; OLIVEIRA, Calleb R. de; MAGALHÃES, S. L. 2020.	Crianças com transtorno do espectro autista e formação continuada de professores
---	---	---	--

Fonte: autoria própria.

Após esse levantamento inicial e a realização da triagem dos artigos no qual chegamos ao que mostra o quadro 1, passamos para a identificação das contribuições e resultados das pesquisas quanto à atividade física e a criança com TEA.

3.1 CONTRIBUIÇÃO DAS ATIVIDADE FÍSICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TEA

Durante esse período (2015 - 2020), buscamos compreender como encontram-se os trabalhos nacionais voltados para a presença de crianças com TEA enquanto participantes de pesquisas científico-acadêmicas. Foi demonstrado que é de fundamental relevância, no campo da infância, os estudos acerca da importância dessas estratégias como instrumentos facilitadores de um ensino eficiente.

Desse modo, o estudo surge de pesquisas literárias-científicas neste âmbito, interligando a AF, o professor e o aluno com diagnóstico de TEA. Verificamos o quanto elas são fundamentais para a compreensão das realidades desses indivíduos em sociedade, possibilitando a inclusão destes ao acesso regular escolar, além de outras dimensões importantes para seu desenvolvimento pessoal e coletivo.

O artigo *Efeitos da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro de autismo* (MESQUITA et al. 2015), tem como objeto de estudo uma criança de 4 anos com perturbação do espectro de autismo (PEA). Foi um estudo de caso que colocou a EF adaptada como proposta de ação para o desenvolvimento no perfil psicomotor do colaborador. Utilizou-se como instrumento de avaliação a bateria psicomotora de Vítor da Fonseca, de 2007, em que avaliaram-se os fatores e subfatores do perfil psicomotor.

Esse estudo obteve o seguinte resultado: o plano das AF adaptadas foi elaborado tendo em vista não só os fatores mais fracos, mas também os subfatores com menor cotação. Foi aplicado por sete meses, três sessões por semana onde o resultado evoluiu para um perfil normal 20 pontos, apontando melhorias de todos os fatores, exceto na Práxis Fina, que continuou a mostrar valores inferiores.

A pesquisa *A eficácia de um programa de treinamento de trampolins na proficiência motora de crianças com TEA* (LOURENCO; ESTEVES; CORREDEIRA; SEABRA, 2016) possui o objeto de estudo 17 crianças autistas (12 do sexo masculino e 5 do sexo feminino), com idades entre 4 e 11 anos, que frequentavam o pré-escolar, 1º e 2º ciclo do ensino básico, onde havia um grupo de controle e experimental.

O grupo experimental foi submetido a uma sessão de treinamento de trampolins com duração de 45 minutos, durante 20 semanas. O grupo controle compreende crianças cuja a AF foi limitada ao currículo obrigatório. A proficiência motora foi avaliada através da bateria de testes Bruininks-Oseretsky e IMC, na fórmula internacional, referenciada para análise de variância de medidas repetida (ANOVA).

Os resultados da pesquisa evidenciaram que os grupos apresentam características idênticas na avaliação inicial, no que se refere à proficiência motora. Foram evidentes e significativas as melhorias no grupo experimental, após o programa de 20 semanas; relativamente, o IMC não registrou alterações do programa de trampolins. Logo, contribuiu para melhorar significativamente a proficiência motora de crianças com TEA.

O artigo *O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na*

coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista (KRÜGER; GARCIAS; HAX; MARQUES, 2018) traz como sujeitos de estudo 10 crianças, cinco para o grupo controle e cinco para o grupo de intervenção e suas interações sociais. Para desenvolver a pesquisa, tais autores trouxeram as atividades rítmicas como proposta de ação, em que o grupo de intervenção realizou um programa de 14 semanas, com duas sessões semanais, com 50 minutos de dança.

As aulas eram divididas em três partes: uma roda inicial sobre a proposta da aula; em seguida, um aquecimento com atividades cantadas e a realização de atividades com músicas; na parte final, foi feito um relaxamento com alongamento. O grupo controle não recebeu nenhum tipo de tratamento, apenas realizou os testes de avaliação.

Os indivíduos de ambos grupos foram avaliados em dois momentos: pré- intervenção e pós-intervenção. Foram avaliados quanto ao estilo de vida, a interação social e coordenação motora de crianças. Neste estudo, foram testadas apenas as habilidades de locomoção, formada por sete itens: corrida, galopar, saltitar, salto sobre o mesmo pé, salto com ambos os pés e corrida lateral.

Os resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de fornecer práticas direcionadas à formação continuada, que sejam mais focadas nas necessidades dos professores, sobretudo quanto aos aspectos comportamentais e pedagógicos. O efeito da intervenção demonstrou que a utilização de atividades rítmicas promove a melhora das habilidades motoras, servindo como ferramenta para o aprimoramento do processo inclusivo e nas condições de saúde desses indivíduos.

A função das Estratégias e da Formação Continuada de professores para a inclusão de alunos com TEA, o professor é essencial no processo de desenvolvimento do aluno, mais ainda de buscar e criar estratégias que venham contribuir em relação a necessidade de cada um, em especial o professor da criança com TEA pois, é aquele que de forma minuciosa descobre, ensina e aprende meios de estimular seu aluno diante suas dificuldades, possibilitando uma aprendizagem inclusiva e prazerosa.

O estudo *Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma intervenção no contexto escolar* (PINHO, 2018) obtém uma criança e sua interação com seus colegas de classe como objeto de estudo. Nele, buscou-se analisar se a aplicação de atividades lúdicas auxilia no modo de aprendizado e no progresso da criança autista. As considerações trazidas quanto à relevância dessas atividades para a alfabetização também corroboram para perceber sua importância para as crianças com TEA que, necessitam de constante motivação para desenvolver suas habilidades e competências. Neste estudo, foi feita a escolha de um aluno para ser o foco da pesquisa, embora a intervenção tenha sido realizada com três alunos.

Foram aplicados testes para avaliar algumas de suas habilidades. A testagem foi realizada no Centro de Atendimento ao Autista Dr. Danilo R. de Moura (CAADRM) e os dados obtidos foram, igualmente, utilizados no planejamento das atividades lúdicas a serem realizadas com Eduardo e sua turma.

A avaliação psicopedagógica compunha os seguintes testes: informação social, orientação temporal, capacidade perceptiva, comunicação, teste cognitivo- raciocínio lógico e testes psicomotores de Picq e Vayer. O teste de informação social é composto por dez perguntas referentes à vida cotidiana do aluno. O de orientação temporal é composto por cinco perguntas referentes a questões temporais e causais, para verificar a compreensão do aluno acerca desses elementos. A capacidade perceptiva é avaliada a partir de imagens que apresentam equívocos e é observado se a criança consegue ter consciência dos absurdos que elas contêm, seja apontando ou verbalizando o que observou. O teste cognitivo-raciocínio lógico composto por cinco perguntas, em que a criança deve mostrar a resposta adequada indicando a figura correspondente, mediante a pergunta realizada pelo

avaliador. Por último, os testes psicomotores de Picq e Vayer englobam a verificação da coordenação dinâmica das mãos, coordenação dinâmica geral, do controle postural (equilíbrio), controle segmentário (próprio corpo), da organização perceptiva (representação), organização espacial, estruturação espaço-temporal, linguagem (memória imediata e pronúncia) e lateralidade.

As atividades lúdicas foram propostas não somente para o aluno com TEA, mas para todos os colegas inseridos em sua turma. Com esse procedimento, visou-se promover a inclusão de Eduardo, incentivando o compartilhamento das ações e a realização de uma aprendizagem significativa possível, principalmente, em meio a trocas sociais, que se constituem nas relações interpessoais. As atividades foram executadas durante cinco meses, abrangendo os meses de agosto a dezembro.

Os resultados possibilitaram observar que 40% das atividades a criança fez de forma autônoma, e nas 60% necessitou de auxílio da professora ou dos pares. Foi enfatizada a participação ativa do aluno nas atividades, destacando que, ao ter contato com os recursos pedagógicos que lhe eram apresentados, manuseava-os e parecia ter vontade de realizar as tarefas juntamente com as outras crianças.

Também, em seus registros, a professora reforça que o aluno começou a demonstrar avanços em seu processo de desenvolvimento devido aos jogos e brincadeiras realizadas, auxiliando na ampliação da sua linguagem e do seu universo simbólico, por meio das trocas sociais promovidas pelas atividades lúdicas. O trabalho serviu para mostrar que parece haver potencial importante nas atividades lúdicas ligadas à alfabetização, por isso esse potencial deve ser bastante estudado.

O artigo *Formação de Professores de Educação Física para a Educação Inclusiva: Práticas Corporais para Crianças Autistas* (NUNES, 2019), aborda sobre a formação de professores, na perspectiva inclusiva, através das práticas corporais para a inclusão escolar de crianças com autismo, a partir de um programa de formação continuada na região da Grande Dourados/MS.

Participaram da pesquisa três professoras de EF a e uma professora da sala de recurso multifuncional. Para coletar os dados, foram utilizados: observação, entrevista semiestruturada, questionário, diário de campo e áudios transcritos, sobre o programa de formação de professores, desenvolvido em vinte e quatro encontros.

A pesquisa colaborativa teve como resultado a possibilidade do desenvolvimento de novas experiências corporais inclusivas; a união das professoras; e o envolvimento de outros profissionais da área da educação na escola. Foi possível refletir que, a fim de amenizar as desigualdades encontradas na escola e no currículo, as práticas corporais tornam-se relevantes para uma formação humanizada.

A pesquisa sobre *Formação continuada em educação física escolar: construindo olhares para inclusão* (JANUÁRIO, 2019) objetivou compreender como um grupo de professores de EFE, do município de Santo André/SP, desenvolvem temas relacionados à inclusão escolar no espaço de formação continuada. Foram acompanhados quatro grupos de professores que escolheram estudar, durante seis encontros, a temática “inclusão na EF”, e, ao final, apresentaram para um coletivo de professores suas trajetórias, somadas à necessidade da área profissional, em proposições para o enfrentamento das dificuldades apontadas, vislumbrando entendimentos sobre a formação continuada na EFE na perspectiva da inclusão escolar.

Ainda, com a intenção de esclarecer o universo investigado, procurou-se: compreender quais demandas/inquietações surgem nas discussões; identificar os temas relacionados à inclusão; compreender quais pressupostos teóricos sustentam a formação escolar; analisar os direcionamentos e as decisões relacionadas às inquietações levantadas; identificar as estratégias tomadas pelos professores na formação continuada; observar como se organizam e realizam as reuniões dentro do tema escolhido; e identificar

se existem convergências nas questões da inclusão.

Participaram, desses grupos, 26 professores de EF licenciados. O Grupo A, com sete integrantes; o Grupo B, único grupo formado apenas por mulheres, estava composto por seis professoras; o Grupo C, formado por oito pessoas; e, por fim, o Grupo D foi formado por cinco pessoas.

Os grupos compartilharam conhecimentos e situações diversas do cotidiano, e recorreram a esse espaço de fala para definir os temas recorrentes advindos da prática pedagógica, além de traçar os passos para a proposta formativa. A necessidade dos professores de EFE, de formação específica na área da inclusão, foi manifestada nos discursos de todos os grupos, e tal situação está relacionada com o sentimento de despreparo e insegurança para atuar na inclusão escolar.

Os grupos da pesquisa afirmam que não se sentem preparados por causa da falta de experiências e vivências no estágio, e que o primeiro contato com ambientes inclusivos vem pelo enfrentamento de situações em escolas, que também não estão preparadas para atender aos alunos com deficiência.

Observamos a falta de parceria da EF com as(os) professoras(res) titulares das salas. Por grande parte, o interesse em planejar conjuntamente é unilateral e por isso há falta de conhecimento sobre o trabalho do outro. O compartilhamento de experiências entre os professores torna possível a intervenção e atualização, aumentando a comunicação entre os iguais, trazendo uma reflexão prático-teórica sobre a própria prática, analisando, compreendendo e intervindo.

A EF tem muito a beneficiar a inclusão educacional de alunos com deficiência, com propostas metodológicas, a criatividade, o corpo e o movimento, os jogos, a expressão e o esporte. A pesquisa de Januário (2019) ainda cita Rodrigues (2003, p. 80) que ainda assim a EF tem “[...] como oportunidade de celebrar a diferença e proporcionar aos alunos experiências que realcem a cooperação e a solidariedade”.

Nesse sentido, a pesquisa mostrou a necessidade de um espaço de fala e compartilhamento de experiências, troca de informações e reflexão. Referente à formação de grupos de estudos de temas específicos, demonstrou um olhar dedicado da EF para as demandas do cotidiano escolar, favorecendo a pesquisa dos professores sobre as questões relacionadas à inclusão nas aulas de EF.

Foram percebidas, em todos os grupos, que as falas envolvendo a formação continuada, na maioria eram sinônimos de críticas da EF, além de convergências de discursos admitindo a importância desse espaço como prática a ser preservada. No qual a prática da formação continuada favorece a investigação e fundamentação em bases teóricas, que possibilitam examinar com mais profundidade a respeito da temática, e a realidade de cada experiência trazida pelos grupos.

Por fim, o artigo *Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores* (CAMARGO; SILVA; CRESPO; OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2020) oferece como objeto de estudo crianças com TEA e a formação continuada de professores. Esta pesquisa contou com a participação de 19 professores cujos alunos, com diagnóstico médico prévio de TEA, foram incluídos em escolas regulares e públicas de Pelotas/RS.

Como instrumento de coleta de dados, fez-se o uso de um roteiro de entrevistas semi estruturado e analisado a partir do exame do conteúdo. Ele trouxe a necessidade de fornecer atividades de formação continuada que sejam observações e os dados relativos às principais dificuldades dos professores, quanto às características e práticas escolares diárias de alunos com autismo, apontam para uma necessidade fundamental de investimento em qualificação/capacitação das professoras para auxiliá-las com fundamentos importantes para o trabalho com essas crianças. Dessa forma, é possível fornecer subsídios essenciais para ensinar e avaliar a aprendizagem – algo que não se

distancia da abordagem de planejamento que já deve ser tomada ou praticada com os outros alunos.

3.2 ANÁLISE DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS NA TEMÁTICA DO AUTISMO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Com o avanço da área médica e da saúde mental, surgem os manuais CID 10 e DSM III que, mais tarde, passaram a ser DSM-IV (e em 2013, o 19 DSM-V). Nesse sentido, Silva (2012) estabelece que esses manuais tiveram o intuito de servirem como guias médicos, tais para melhor definição e alinhamento sobre o autismo. Na versão em Português, o DSM-IV-TR apresenta cinco tipos clínicos na categoria TID (transtorno invasivo de desenvolvimento): “Transtorno Autista, Transtorno de Rett, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno de Asperger e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento sem Outra Especificação”. Mas, em maio de 2013, a quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V foi publicada, incluindo mudanças expressivas nos critérios diagnósticos de autismo e adotando, finalmente, o termo TEA como categoria diagnóstica (MEMNON, 2014, p. 8-10 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 18-19).

A nomenclatura e os estudos sobre o autismo, com o passar dos anos alterou-se e isso faz com que literaturas antigas não ajudem significativamente no cenário atual da temática. Foi possível notar este reajuste com o artigo de Mesquita et al. (2015), onde o autor refere o TEA como Perturbação do Espectro do Autismo (PEA), ainda colocando-o como um problema, o que hoje tratamos como dificuldades que podem ser superadas.

Porém, os objetivos em relação ao desenvolvimento, inclusão, autonomia e cuidados do sujeito com TEA são pautas bastante discutidas e pesquisadas independente do tempo cronológico. E como ferramenta essencial para englobar os objetivos acima, temos como proposta, no mesmo estudo, um plano de AF adaptado, com efeito positivo no perfil psicomotor de uma criança com TEA.

Em relação aos resultados expostos, observou-se que durante os sete meses de aplicação do plano, houve evolução nas competências psicomotoras, mas não houve uma preocupação em expor e descrever como e quais atividades fizeram parte do plano, a fim de corroborar com pesquisas posteriores diante do tema.

Nessa perspectiva, os estudos de Schliemann (2013) evidenciam que as AF e esportivas possibilitam grandes oportunidades de aprendizagem em prol dos indivíduos autistas, de maneira prazerosa e ainda interferindo na autoestima do mesmo, assim, melhorando sua qualidade de vida.

Lourenço, Esteves, Corredeira, Seabra (2016), a fim de buscar melhorias no desenvolvimento da proficiência motora de crianças com TEA, utilizam um programa de treino de trampolins. O que chamou atenção foi a construção e divisão da ação da pesquisa, realizada em três partes: inicial 5min., principal 35 min., final 5min.. Na parte inicial, as brincadeiras tiveram o intuito de preparar o participante para a parte principal; na principal, houve atividades bem específicas de saltos no trampolim; já a parte final teve o propósito de promover o desenvolvimento social.

Vale ressaltar que todas as crianças colaboraram com o professor nas tarefas de organização do material utilizado, o que é muito importante nesse processo de crescimento. E o programa de trampolins se mostrou uma opção eficaz para desenvolver a proficiência motora da criança com espectro autista, sendo praticado mais de uma vez na semana para que houvesse efeitos maiores e mais satisfatórios.

Na mesma perspectiva a dança tornou-se uma estratégia e ferramenta de intervenção para o aprimoramento das habilidades motoras (neste caso habilidades de locomoção, tais como corrida, corrida lateral, passada, galope, salto horizontal e salto

monopedal) de forma eficaz, como se pode observar na pesquisa de Krünger, Garcias, Hax e Marques (2018). No entanto, 14 semanas não foram suficientes para obter uma melhora significativa para a interação social, de acordo com a “Escala de Avaliação do Autismo na Infância”; apesar disso, observou-se um efeito considerável nesta condição. São inúmeros os benefícios adquiridos com a atividade física por pessoas com autismo. Nesse sentido, Lourenço, Esteves e Corredeira (2016), em outros estudos, pontuam que atividades como a dança, a corrida, os exercícios aquáticos/natação, os treinos de trampolim, dispõem de melhorias em aspectos diferentes.

Por outro lado, a formação continuada do professor é um assunto que também ganha destaque nesta pesquisa, pois traz a AF, as práticas corporais e a ludicidade como meios facilitadores de aprendizagem para o aluno com TEA, atentando ainda que trabalhar com esse público requer capacitação, observação e envolvimento, o que muitas vezes não acontece na prática, trazendo lacunas no processo de inclusão bem como na aprendizagem significativa. Nunes (2019) coloca a formação continuada e a EF, em suas práticas corporais, no componente curricular como aliadas nesse processo de desenvolvimento para a criança com TEA, apesar de ainda haver uma preocupação e receio dos educandos na forma de lidar com a aprendizagem, por ser ainda recente o ingresso destes alunos na escola regular.

Assim, deve haver políticas públicas para incentivar a criação e implementação de projetos que incluam as crianças com TEA e para isso necessita de profissionais preparados que auxiliem nas lacunas persistentes diante do cenário de aprendizagem e inclusão, levando em consideração os valores (morais e éticos) que o aluno traz consigo e seu histórico familiar, dentre várias outras características, que abrem possibilidades para as escolhas de estratégias que facilitarão no aprendizado do indivíduo.

Entretanto, a obtenção de ferramentas, meios e técnicas para lidar com esse público deve ser adquirida através um arcabouço teórico para a prática e captação de melhores métodos de ensino. E para tal, Januario (2019) ratifica a importância quanto à continuação das questões formativas de profissionais de EF, cuja troca de saberes é um excelente subsídio para o desenvolvimento da EF inclusiva no espaço de formação continuada; relatos e conhecimentos específicos, não deixam de ser importante, porém são necessários os saberes pedagógicos e didáticos. Por isso, a necessidade de estabelecer diálogos com os professores de sala. A EF necessita que os professores organizem suas aulas mobilizando alguns princípios, como o da diversidade, o da complexidade e o princípio da adequação ao aluno.

Numa proposta curricular, é interessante especificar o encorajamento do professor para participar de um programa de crescimento pessoal e de investigação, que aumente gradativamente sua própria compreensão do trabalho, resultando no aperfeiçoamento do ensino adequado para atender as demandas específicas de alunos, em situações complexas e dinâmicas, como uma sala de aula ou a quadra escolar.

Camargo, Silva, Crespo, Oliveira e Magalhães (2020) trazem em seu estudo os desafios que o professor da criança com TEA perpassa no processo de escolarização, seja no ensinar ou no incluir. Em sua pesquisa, a maior parte das falas foi sobre as dificuldades em lidar com o comportamento do aluno, e as demais caracterizaram-se como pontos não ligados diretamente ao aluno, além de queixas em relação à socialização, dificuldades pedagógicas e rotina.

Entretanto, é importante que haja uma observação minuciosa para compreender como o aluno que possui o TEA se comunica, se expressa e se relaciona com o meio, propondo estratégias para que ele tenha acesso às possibilidades que as práticas corporais, atreladas à ludicidade, proporciona, motivando-o para que a intervenção pedagógica aconteça de forma natural, respeitando diferentes modos de aprendizagem.

Vygotsky (2003) e Rocha (2005) frisam a importância da atividade lúdica enquanto

uma das formas pela qual a criança se apropria do mundo, ressaltando que as crianças com autismo possuem dificuldade na interação social e na maneira de se comunicar, em diferentes níveis. Dessa forma, o estudo de Pinho (2018), sobre as contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, nos faz perceber que a ludicidade é um recurso facilitador é fundamental para o convívio social do indivíduo autista, viabilizando possibilidades de inclusão da criança autista. No espaço em que se deu a pesquisa (CAADRM), atuam profissionais de áreas diversas, incluindo o profissional de EF, sendo assim, fez-se relevante a leitura do trabalho, pois oportuniza condições adequadas de participação do sujeito dentro de suas possibilidades no ambiente escolar e fora dele, favorecendo a construção de sua identidade e autonomia, contribuindo em seu processo de inclusão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer a análise da produção de conhecimento nos últimos seis anos com relação ao TEA e a EF na infância, observou-se excelentes contribuições acerca da temática, porém, ainda reduzidos. Os estudos adotaram diferentes tipos de estratégias com a utilização de atividades físicas para o público alvo estudado.

Há na literatura uma variedade de estudos que evidenciam eficiência quanto à contribuição da AF para o desenvolvimento da criança com TEA. As produções indicaram o quão necessário se torna a EF e suas práticas para esse processo de desenvolver o aluno com TEA, enfatizando o importante papel da formação continuada para uma aprendizagem mais eficaz, através de programas que fazem uso de práticas corporais, como os encontrados nesta pesquisa.

Foi possível perceber que a prática dessas atividades, quando empregada de forma correta, além de contribuir para o desenvolvimento motor, proporciona oportunidades de socialização e melhoria na qualidade de vida dos indivíduos.

Logo, inferimos que há um quantitativo ínfimo de pesquisas a respeito de crianças com TEA em interfaces com AF na infância, além da necessidade da expansão de estudos que dissertam sobre tais temas.

Diante disso, aconselha-se que mais estudos sejam realizados com o intuito de promoverem a formulação de programas e intervenções que integrem, socializem e desenvolvam o aluno com TEA, levando em conta suas especificidades e elaborando práticas que auxiliem um aprendizado significativo e prazeroso para a criança.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BASTOS, Rosângela Porfírio. **Ações, relações e sentidos produzidos pela comunidade escolar sobre o processo de inclusão da criança com TEA**. 2019. 154f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

CAMARGO, Sígria Pimentel Höher; SILVA, Gabrielle Lenz da; CRESPO, Renata Oliveira; OLIVEIRA, Calleb Rangel de; MAGALHÃES, Suelen Lessa. DESAFIOS NO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO NO CONTEXTO INCLUSIVO: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 36, p. 1-22, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698214220>.

JANUÁRIO, Paulo Clepard Silva. **Formação continuada em Educação Física Escolar: construindo olhares para inclusão**. 2019, 150f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP, 2019.

KRÜGER, G. R.; GARCIAS, L. M.; HAX, G. P.; MARQUES, A.C. **O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista**. Rev Bras At Fis Saúde. 2018.23:e0046. DOI: 10.12820/rbafs.23e0046.

LOPES, A. C. Clínica Médica. **Diagnóstico e tratamento**. São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, v. 6, 2014. ISBN – 9788538804437.

LOURENÇO, Carla; ESTEVES, Dulce; CORREDEIRA, Rui. Potencialidades da atividade física em indivíduos com perturbação do espectro do autismo. Desporto e Atividade Física para Todos – **Revista Científica da FPDD**, v. 2, n. 2, 2016.

LOURENÇO, Carla Cristina Vieira; ESTEVES, Maria Dulce Leal; CORREDEIRA, Rui Manuel Nunes; SEABRA, André Filipe Teixeira e. **A Eficácia de um Programa de Treino de Trampolins na Proficiência Motora de Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo**. Rev. bras. educ. espec, v. 22, n. 1, p. 39-48, 2016.

MESQUITA, Helena et al. **Efeitos da atividade física adaptada no perfil psicomotor de uma criança com espectro de autismo**. E-Balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte, [S.l.], v. 11, p. 131-132, abr. 2015. ISSN 1885-7019. Disponible en:< <http://www.e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/248>>

NUNES, J. da S. **Formação de Professores de Educação Física para a Educação Inclusiva: Práticas Corporais para Crianças Autistas**. 2019. 221p. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE, Faculdade de Educação, UFGD, 2019.

OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. O Autismo na História. In: OLIVEIRA, Maria da Luz dos Santos. **Formação docente e inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: algumas reflexões**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

OLIVEIRA, V. F. **Representações Sociais de professores acerca de seus alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) no processo de inclusão em Escolas Municipais de Lages, SC**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Planalto Catarinense, Lages, 2015.

PINHO, Mariana Campos. **Contribuições do uso de atividades lúdicas em sala de aula, para o desenvolvimento e aprendizagem de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA): Uma intervenção no contexto escolar**. 2018. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

ROCHA, C. C.; et al. O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 29, n. 4, 1-20, 2019.

ROCHA, M. S. P. M. L. **Não Brinco mais: a (Des)Construção do Brincar no Cotidiano**

Educacional. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2005.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular** - Entenda o Autismo. Rio de Janeiro: Editora Fontanar, 2012.

SCHLIEMANN, André. **Esporte e Autismo**: Estratégias de ensino para inclusão esportiva de crianças com transtornos do espectro autista (TEA). 2013. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Educação Física da Universidade de Campinas, 2013.

SOUSA, J. *et al.* Educação e autismo na rede regular de ensino público: um desafio. **Revista Filosofia Capital**. Brasília, DF, v. 13, p.36-55, 2018. ISSN 1982-6613.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.